

Censurado

Categories : [Reportagens](#)

Na esperança de levar o documentário "[Uma verdade inconveniente](#)" - para as salas de aulas americanas, o democrata Al Gore se deparou com uma barreira quase intransponível em seu país: uma associação de professores que vendeu a alma para grandes patrocinadores e pais de alunos cegos pela religião. Nem mesmo o fato do filme estar concorrendo ao Oscar 2007 na categoria Melhor Documentário ajudou.

"A gente não quer que um filme de duas horas substitua um rigoroso currículo de ciência. Mas estudantes deveriam esperar, e pais deveriam exigir, que educadores apresentem uma visão honesta e imparcial sobre os verdadeiros desafios de hoje", protestou a produtora do filme e fundadora da StopGlobalWarming.org, [Laurie David](#), num [artigo para o "Washington Post", no fim de novembro](#), depois de oferecer 50 mil DVDs gratuitos do documentário para a Associação Nacional de Professores de Ciências (NSTA, na sigla em inglês) e receber um "obrigado, mas não, obrigado".

Como justificativa para a rejeição da oferta, o diretor executivo da NSTA, Gerald Wheeler, explicou que a associação tem uma política interna que não permite a promoção de qualquer produto ou mensagem de outra organização. Mas Wheeler também não escondeu que promover o filme de Al Gore poderia prejudicar o relacionamento da NSTA com empresas da indústria de petróleo: "É com o dinheiro dos nossos patrocinadores que conseguimos melhorar a educação sobre ciências neste país".

Entre os patrocinadores da NSTA, estão a Exxon Mobil Corporation – acusada de tentar maquiar nos últimos anos os efeitos do aquecimento global - e a Shell. Depois da rejeição, Laurie David foi atrás de detalhes sobre as parcerias da NSTA com estas e outras companhias. A produtora logo descobriu que a NSTA chegou a premiar a Exxon por seu comprometimento com a educação de crianças americanas e recebeu US\$ 6 milhões da empresa nos últimos dez anos. E a associação não está sozinha nessa: ao todo, a Exxon deu US\$ 42 milhões para organizações-chaves que determinam o que as crianças e os adolescentes do país aprendem sobre ciências, desde o jardim de infância até o ensino médio.

Ao vasculhar o material escolar usado nos Estados Unidos, Laurie encontrou livros, apostilas, vídeos e pôsteres financiados por grandes empresas. Weyerhaeuser e International Paper ensinam sobre florestas, Monsanto dá uma aula de engenharia genética e o Instituto de Petróleo Americano (API) financiou um vídeo sobre o uso do petróleo no dia-a-dia, "You Can't Be Cool Without Fuel" (Sem combustível, você não está com nada), que foi distribuído gratuitamente pela NSTA. Para a surpresa da produtora, todo este material ignora a questão do aquecimento global.

"Já é ruim o suficiente quando uma companhia tenta vender um lixo de ciência para uma penca de

adultos. Mas, como uma companhia de tabaco que usou desenho animado para promover cigarros (*fumar charutos era sinal de status e até virou arma de sedução em 'Tom & Jerry'*), Exxon Mobil está indo atrás de nossas crianças também", escreveu Laurie no "Washington Post", lembrando também que a API deixou claro em 1998, num memorando que vazou para a imprensa, porque considera importante entrar nas salas de aula: "Informar professores e estudantes sobre incertezas nas ciências climáticas irá evitar novos esforços para impor medidas como as de Kyoto no futuro".

Além de apresentar sua versão no "Washington Post", Laurie conseguiu atrair a atenção de outros grandes jornais, revistas e sites para a polêmica. Depois do burburinho, a NSTA tentou se redimir, dizendo que já havia citado o documentário num material sobre aquecimento global enviado aos seus professores-membros e sugeriu que Laurie comprasse a mailing list da associação, que tem 57 mil pessoas. Cada mil nomes custam US\$ 130, mas Laurie nem considerou a oferta, teve uma idéia melhor: oferecer milhares de DVDs diretamente aos professores americanos através do site da produtora do filme, [Participant Productions](#), que também disponibilizou três tipos de roteiros de aulas para serem seguidos após a apresentação. Outros mil foram distribuídos entre alunos de faculdades do país que participaram do movimento [Truth on Campus](#), no início deste fevereiro. Mas novos obstáculos não demoraram para aparecer.

Alguns dos professores que exibiram o DVD na sala de aula foram bombardeados por reclamações de pais de alunos e diretores de escolas. Para os republicanos, o fato de o filme ter o vice-presidente de Bill Clinton à frente o torna político - e democrata - demais. Um pai de aluno reclamou que o documentário tem muito Al Gore e nenhum cientista. Para os céticos, há exageros: "Estamos vivendo uma histeria sobre aquecimento global que pode assustar nossas crianças". Para os evangélicos, é pouco religioso: "O aquecimento global é apenas um sinal de Deus. A Bíblia diz que no fim dos tempos a Terra vai pegar fogo, e essa perspectiva deveria estar no filme", disse outro pai também ao Washington Post, mostrando que a religião voltou a medir forças com a ciência, como na questão da evolução humana, discutida intensamente nos últimos anos.

O caso mais notório aconteceu no distrito de Federal Way (Washington), que fica perto de Seattle, em janeiro. O [conselho das escolas públicas locais](#) concordou por unanimidade com os pais reclamações e proibiu que o documentário seja apresentado em salas de aula, "a menos que uma versão oposta, aprovada pelo superintendente, seja apresentada também". "Não existe versão oposta para fatos científicos", disse Laurie David para os jornais locais.

Mas a equipe de "An Inconvenient Truth" não desistiu. Ao lado da escritora e ativista Cambria Gordon, Laurie vai lançar ainda este ano uma versão infantil do livro "Uma Verdade Inconveniente: o que Devemos Saber (e Fazer) Sobre o Aquecimento Global", base do documentário e a venda no Brasil. Direcionado para crianças de 8 anos ou mais, "The Down-to-Earth Guide to Global Warming" será publicado com papel reciclado e [tinta de soja](#). Laurie também está divulgando um passo a passo anti-aquecimento global para estudantes no site da [StopGlobalWarming.com](#).

No melhor estilo boca a boca, Al Gore tem feito uma campanha através de e-mails e [de seu site](#) em que incentiva os americanos a fazerem festas em suas casas para mostrar o documentário aos vizinhos e discutir maneiras individuais de combater o aquecimento global. "Dê uma festa ou não deixe de ir à festa do seu vizinho", pediu ele, que também tem promovido workshops de três dias para recrutar voluntários pelo país e pelo mundo. O [Climate Project](#) treina milhares de pessoas de diversas faixas etárias e profissões – até a atriz Cameron Diaz participou - para levar a mensagem do filme e tentar mudar o estilo de vida de suas comunidades. Os chamados "climate change messengers" precisam fazer pelo menos dez palestras por ano. No mês passado, foram recrutados voluntários em Nashville, Tennessee, e Sydney, na Austrália.

Apesar da força do time do contra, a luz verde no fim do túnel já começa a aparecer: Al Gore conseguiu que todas as escolas do ensino médio na Suécia e na Noruega recebessem cópias do DVD e manuais de ensino para discutir o aquecimento global em sala de aula. O mesmo acontecerá em breve com as britânicas e escocesas. "Decidimos distribuir o filme com um pacote informativo ([para 3.385 escolas](#)) porque acreditamos que todo mundo tem um papel importante na luta contra o aquecimento global e nossos jovens têm que entender isso", disse o ministro do meio ambiente do Reino Unido, David Miliband, ao anunciar a novidade, no início de fevereiro.

Até algumas igrejas já aderiram à campanha do ex-vice-presidente. Como as da organização [Green Faith](#), de Nova Jérsei, que estão promovendo o uso de bicicleta entre seus fiéis para irem à missa, oferecendo sessões gratuitas do filme de Al Gore e instalando painéis de energia solar. No site, o grupo avisa: "Os porta-vozes da GreenFaith estão disponíveis para ensinar os valores espirituais comuns a muitas tradições da fé e o maior deles é o nosso comprometimento com a proteção do meio ambiente". Amém.

* *Jornalista brasileira que trabalha como freelancer em Washington, Estados Unidos.*